KHÓRA - Revista transdisciplinar do ESPAZO/NESAP - FIC/FEUC
Volume 1, Número 1, SET 2013
ISSN: 0000-0000

CONSIDERAÇÕES SOBRE O FA D'AMBU, UM CRIOULO DE BASE PORTUGUESA COM INFLUÊNCIA ESPANHOLA

José Ricardo Dordron de Pinho *

Resumo: Este trabalho discute o conceito de pidgin e sua evolução para uma língua crioula, além da origem deste termo e da sua cristalização. Em seguida, detemo-nos na análise do Fa d'Ambu, um crioulo de base lexical portuguesa com alguma influência da língua espanhola. Descrevemos aspectos fonético-fonológicos, lexicais, morfológicos e sintáticos. Por fim, apresentamos os casos da interação do auxiliar com o indicador do TMA (tempo/modo/aspecto) e do indicador do tempo em alguns tempos verbais.

Palavras-chave: Pidgins. Crioulos. Fa d'Ambu. Mescla linguística. Línguas da África.

Abstract: This paper discusses the concept of pidgin and its evolution turning to a Creole language, besides the origin of the term and its crystallization. After this, we focus our analysis on Fa d'Ambu, a Creole with Portuguese lexical basis with some Spanish influence. We describe phonetical-phonological aspects, as well as the lexical, morphological and syntactic ones. At last, we present the cases of interaction between the auxiliary and the TMA (tense/mood/aspect) indicator and the time indicator in some tenses.

Key-words: Pidgins. Creoles. Fa d'Ambu. Linguistic mixture. Languages from Africa.

Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns aspectos da língua crioula Fa d'Ambu, falada na costa Oeste da África, que tem como base lexical a língua portuguesa. Para tanto, começamos discutindo o surgimento e a cristalização de

* Doutorando em Língua Espanhola (UFRJ) – FEUC e Colégio Pedro II

uma língua crioula, cuja origem provém de uma língua pidgin; o pidgin e o crioulo surgem da necessidade humana de comunicação, impossibilitada por suas línguas nativas. Posteriormente, descrevemos o Fa d'Ambu através de suas características fonéticas, fonológicas, lexicais, morfológicas e sintáticas, além de um apanhado histórico. Por fim, desenvolvemos mais detalhadamente dois aspectos morfológicos: a interação do auxiliar com o indicador do TMA (tempo/modo/aspecto) e o indicador do tempo em alguns tempos verbais.

A mescla linguística

Os homens vivem em sociedade e, portanto, é natural que haja trocas entre eles. Suas línguas, por fazerem parte da cultura, também podem conviver lado a lado, havendo uma mescla. O espaço da mescla linguística é a comunidade de fala; sendo assim, é nestas comunidades ou entre elas que se dá tal mescla.

Pode haver dois tipos de mescla: a mescla *intracomunidade*, em que as variantes convivem e/ou se entrecruzam em uma única comunidade de fala, e a mescla *intercomunidades*, em que línguas diferentes coexistem e se misturam em uma mesma comunidade. Como exemplos, o inglês para o primeiro caso e um espanhol convivendo com um brasileiro, um japonês e um francês no norte da Espanha para o segundo caso.

O surgimento do Pidgin e do Crioulo

Quando há contato entre dois grupos totalmente opostos, pode ser que haja urgência de um meio que permita a comunicação entre eles. Este meio é o pidgin, uma língua de emergência com funções básicas e restritas. O pidgin é uma língua franca que permite a comunicação entre grupos linguisticamente diferenciados; mantém sempre seu estatuto de segunda língua.

Se o pidgin for transmitido de pai para filho, vai obter crianças como falantes nativos; assim, assume estatuto de língua natural, de língua-mãe. O pidgin se criouliza ao tornar-se primeira língua.

O termo Crioulo e as línguas crioulas

O termo crioulo começou a ser usado no século XVI. É provável que sua origem seja portuguesa, de *criadouro* ou de *criado*, particípio passado do verbo criar, de onde teria passado para o espanhol (*criollo*) e depois para o francês (*criole*>*créole*).

Historicamente, considera-se crioula a língua que tem sua história particular conhecida. Além disso, os crioulos deixam transparecer a herança lexical de uma outra língua, a língua-fonte. É esta que contribui com mais força para a constituição do léxico da mescla. Na formação deste tipo de mescla, participam tanto o superstrato como o substrato.

Os crioulos, em geral, surgiram em regiões de colonização, sendo marcados pela relação de escravidão. De acordo com Chaudenson, em *Les créoles français*, as línguas crioulas nasceram de contato de populações transportadas.

Do ponto de vista funcional, as línguas crioulas preenchem todas as necessidades comunicativas de seus falantes. Quanto à sua estrutura, são caracterizadas por um conjunto de traços negativos, como ausência de distinção de gênero, verbos não-flexionados, ausência de hipotaxe etc.

A cristalização do Crioulo

Como já foi dito antes, um pidgin que se cristaliza dá origem a um crioulo. Este crioulo, ao cristalizar-se, é como outra língua qualquer: está sujeita à mesma evolução. O que pode desqualificar socialmente um crioulo, no entanto, é sua história particular, a ausência de tradição escrita e a posição social inferior da maior parte de seus falantes nativos.

O caso do Fa d'Ambu

É uma língua crioula de base portuguesa em relação ao léxico, falado na Ilha de Ano Bom, Guiné Equatorial, no oeste da África. Pertence a uma família de quatro línguas crioulas, faladas em um arquipélago de três ilhas situadas no Golfo da Guiné. Dois dos crioulos encontram-se na maior ilha, São Tomé: são eles o São Tomense e o Angolar. O São Tomense é a principal língua da ilha, falado pela maioria da população. O Angolar é falado apenas por um pequeno grupo, no sul de São Tomé. Na Ilha de Príncipe fala-se Principense. O número total de falantes de Fa d'Ambu é de aproximadamente 4500 a 5000 falantes.

O Fa d'Ambu, provavelmente, desenvolveu-se a partir do crioulo de São Tomé como era falado no início do século XVI, conforme estudos de Ferraz (1979). Apesar de não haver provas por escrito que possam confirmar esta hipótese, é muito provável que seja verdade, pelas características lexicais e gramaticais.

As três ilhas não eram habitadas quando foram descobertas pelos portugueses na segunda metade do século XV. São Tomé foi a primeira a ser povoada. Ao final deste século, já era povoada

por alguns colonos portugueses, que tinham privilégio de poder fazer escravos. É provável que os primeiros habitantes de Ano Bom e Príncipe tenham sido escravos que foram levados para suas respectivas ilhas para trabalhar nas plantações, por volta do começo do século XVI. Através dos séculos, os habitantes de Ano Bom viveram em completo isolamento. A ilha era muito pequena para funcionar como centro comercial e, apesar da ida de alguns barcos, poucos brancos ficavam ali por mais do que um curto período.

Depois de sua introdução na ilha, o Fa d'Ambu se desenvolveu mais ou menos por conta própria, com pouca influência externa. O fato de a ilha ter sido cedida pelos portugueses aos espanhóis em 1771 parece não ter tido um maior impacto sobre a língua. Apesar de que hoje todos os anoboneses sejam bilíngues em Fa d'Ambu e em Espanhol e que algumas palavras espanholas sejam usadas em Fa d'Ambu, a base desta é indubitavelmente o português.

Em Ano Bom, o Fa d'Ambu ainda é usado em todas as situações da vida cotidiana. Os anoboneses têm um forte senso de identidade, ainda que morem fora da ilha. Mesmo neste caso, são fluentes em Fa d'Ambu; porém, pode-se observar uma diferença entre o Fa d'Ambu falado em Ano Bom e em Malabo, a capital. A diferença consiste na neutralização de certas características crioulas típicas que ainda estão em pleno uso em Ano Bom, em favor de mais construções espanholas em Malabo.

A explicação para esta diferença provavelmente está no fato de que em Ano Bom o meio linguístico é extremamente simples se comparado ao de Malabo. Em Ano Bom, as crianças só aprendem uma segunda língua quando vão à escola. Já em Malabo falam duas, três ou até quatro línguas numa tenra idade. Além de sua língua materna, todas falam Pidgin Inglês, um crioulo baseado no Inglês, que é a língua vernácula de Malabo, além de Espanhol e, dependendo da etnia ou dos amigos, podem falar ainda Bubi, Fang ou alguma outra língua Bantu.

O Fa d'Ambu é apenas falado. Não existe literatura escrita. Mesmo que muitos dos Anoboneses saibam ler e escrever, nunca o farão com o Fa d'Ambu.

Fonética e Fonologia

O inventário de sons é o seguinte:

ISSN: 0000-0000

Consoantes	labial	alveolar	palatal	velar
Stops	p b	t d		k g
Fricativas	f v	s z	š	x
Africadas			tš dž	
Nasais	m	n	ñ	□
Líquidas		l		
Semivogais	w		j	

Pré-nasalisadas				
Stops	m b	nt nd		ng

Vogais	frontal	recuada
Alta	i i:	u (u:?)
Média	e e:	o o:
Baixa	a a:	

Ditongos	frontal	recuado
Alto		uj
Médio	ej	
Baixo	aj	

Observações:

- Não existe a líquida /r/, apenas /l/. Às vezes, aparece /r/ em nomes próprios espanhóis ou em palavras espanholas dentro da conversa. Se estas palavras são integradas ao Fa d'Ambu, /r/ passa para /l/ ou desaparece.

Mali < Port. Maria

Paatu < Port. prato

ISSN: 0000-0000

- Em posição final, as nasais causam nasalização e alongamento da vogal precedente, enquanto se transformam em uma velar semi-suprimida [□]

Lazan > [lazã□] notícia
Ku amu > [kem] ou [ke□] que eu

- Existem quatro sons oclusivos pré-nasalizados que são muito frequentes. Em certas palavras, tendem a ser neutralizados; como resultado, normalmente não são ouvidos, mas podem ser ouvidos com pré-nasalização.

nge	pessoa	mas:	gatu / ngatu	gato
ntela	estrela		tela / ntela	terra
mba	dobrar		baga / mbaga	separar

- Quando um morfema terminado em vogal precede um ditongo consonantal, a parte nasal se une à sílaba precedente.

nange < na=nge [na□+ge] as pessoas
ndanda < nda=nda [ndan+da] andar

- O sistema vocálico é simples: cinco vogais padrões. Normalmente são breves, mas há longas. Sílabas com vogais longas não são obrigatoriamente acentuadas, mas são sempre pronunciadas com um tom mais alto e a sílaba seguinte, acentuada ou não, é pronunciada com um tom alto.

[pá:tu]	LH-H	prato
[pátu]	H-H	pássaro
[dé:ntši]	LH-H	em frente de
[déntši]	H-H	dente
[ke:sé]	LH-H	crescer
[kesé]	H-H	esquecer

Léxico e Morfologia

Ocorrem processos de afixação, reduplicação e composição.

- Afixação:

Não há muitos afixos. Existem prefixos com significado de diminutivo e aumentativo e sufixos usados para a formação do particípio. Existem dois prefixos com significado de diminutivo: fi- e mina-, literalmente "criança". O prefixo fi- pode ser usado em sentido concreto ou em linguagem figurada.

Fi-	kumu	comida	fi-kumu	alguma comida
	kuzu	coisa	fi-kuzu	alguma coisa pequena ou sem importância
mina-	kuzu	coisa	mina-kuzu	alguma coisa pequena
	palma	palmeira	mina-palma	palmeira pequena

Prefixos com significado aumentativo incluem taba- (significado aumentativo geral), xatán- (maior), pe- (grande), vala- (alto) e syiolo- (muito bom).

Taba-	xá-syigadu	problema	taba-xá-syigadu	um grande problema
	Patsyi	parte	taba-patsyi	grande pedaço
Xatán-	dadalán	gancho	xatán-dadalán	um grande gancho
Pe-	namina	criança	pe-namina	uma grande criança
Vala-	moso	mulher	vala-moso	uma grande mulher
	Opá	galho'	vala-opá	um longo galho
Syiolo-	palma	palmeira	syiolo-palma	uma palmeira muito boa

É possível combinar certos prefixos:

Pe-vala=vala-nge uma pessoa grande e muito alta

A prefixação não é muito usada. É mais comum acrescentar ao substantivo um adjetivo com ideia de aumentativo ou de diminutivo. Diferentemente dos prefixos, porém, estes sempre vêm depois do substantivo.

A sufixação se dá através do acréscimo de –du a alguns verbos para formar particípios. No entanto, nem todos os verbos podem recebê-lo.

Xansa	cansar	xansadu	cansado
Xaba	acabar	xabadu	acabado
Xomesa	começar	xomesadu	começado
Xama	queimar	xamadu	queimado
Baya	dançar	*bayadu	dançado
Mindyi	medir	*mindyiadu	medido

- Reduplicação:

Dobra-se o verbo, o substantivo ou o adjetivo (ou apenas uma parte deles). O resultado pode ser intensivo, interativo ou distributivo.

Intensivo	kitsyi	pequeno	kitsyikitsyi	muito pequeno
	Gavu	bom	gagavu	muito bom
Interativo	nda	andar	ndanda	vaguear
	Fa(la)	falar	fafal	conversar
Distributivo	dosy	dois	dodosy	ambos
	Bodo	borda	bódobodo	costa

- Composição:

ISSN: 0000-0000

É o processo mais comum para formar novos substantivos ou adjetivos, a partir de substantivos e adjetivos ou expressões complexas já existentes. As palavras que formam a composição podem manter-se intactas ou passar por ajustes.

Lensu-zubela lenço (lit. trapo-bolso)'
Xa-xole-san carro (lit. coisa-correr-chão)'

Sintaxe

A ordem básica é SVO. O objeto indireto vem antes do objeto direto; os grupos preposicionais vêm depois do objeto direto; os advérbios normalmente podem vir no começo ou no final da frase. O verbo não é especificado para pessoa ou número; há partículas pré-verbais para especificar tempo, modo e aspecto (TMA). Esquematicamente, a ordem da frase é a seguinte:

ADV – S – TMA – V – IO – DO – PP – ADV

Vejamos alguns exemplos, agora. Primeiro, uma frase simples com uma combinação de OI e OD; depois, uma frase com OD seguido por um PP e, por último, uma frase com subordinação:

Malía da pe-d'eli tabaku.
Maria dar pai-*3sg* *tabaco*
'Maria dá (o) tabaco ao seu pai.'

No sxa fe wan xadyi pa non-tudu.
IPL TMA fazer ART casa para IPL-todos
'Estamos construindo uma casa para nós todos (nossa família).'

Poxodul-nensyi ku fe vadyi-ai as na-nge gavu.
Pessoa-DEM CONJ fazer viagem-ADV COP ART-pessoa bom
'As pessoas que viajaram são boas pessoas.'

- Negação:

Há uma dupla negação expressa pela combinação dos elementos *na* e *–f* (*-af* ou *–fa*). O elemento *na* vem antes do verbo e das partículas TMA, se presentes, e *–f* vêm na última palavra da frase.

Odyai amu na be mem=bo xama-kumu=f.
Hoje ISG NEG ver mãe=2SG lugar-comida=NEG
'Eu não vi sua mãe no mercado hoje.'

No imperativo, é mais comum usar-se apenas a segunda partícula.

Li-f! Na fe-f!
Rir-NEG NEG fazer-NEG
'Não ria!' 'Não faça isso!'

- Frases interrogativas:

São formadas como as declarativas, com uma entoação ascendente no final da frase.

Os interrogativos vêm em primeira posição.

a. Xa bo fala? b. Xama Zwan sa?
coisa 2SG falar lugar João estar
'O que você diz?' 'Onde está o João?'

Os interrogativos em Fa d'Ambu são os seguintes:

Xa 'o que' kenge 'quem' xamá 'como'
Xama 'onde' ke ola 'quando' xafe 'por quê'

- Passiva:

Existem tais construções, mas dificilmente são usadas. Há uma forte preferência pelas construções ativas ou semi-passivas.

Na-mina-miele tisy ba tela.
ART-meninas três dançar terra
'As três meninas dançam as danças tradicionais.'

A xa baya ba-tela na-name tesyi.
3gen TMA dança lugar de dança ART-amigo três
'As danças tradicionais são dançadas pelos três amigos.'

- Antecipação:

A deslocação para a esquerda é usada para que um termo seja mais focalizado:

Mem-bo odyai amu na be li markete-f.
Mãe-2SG hoje ISG NEG ver 3SG mercado-NEG
'Eu não vi sua mãe no Mercado hoje.'

- Construções com verbos em série:

São muito importantes tais construções em Fa d'Ambu. Podem expressar locação, resultado, excesso, incoatividade etc.

A ska fe wan xadyi **da** na-namay.
3gen TMA fazer ART casa dar ART-família

'Eles estavam construindo a casa da família.'

Amu da wan kuzu **da** bo.
ISG dar ART coisa dar 2SG
'Eu lhe dei alguma coisa.'

Amu fa bo xo-sai.
ISG dizer 2SG coisa-DEM
'Eu lhe digo isso.'

- Frases nominais

São construídas de modo que todos os elementos atributivos sigam o principal, exceto o artigo, que o antecede.

ART – N – ADJ – NUM – DEM – RC
POS

mina kitsyi tesy-nensay
criança pequeno três-DEMpl
'as/estas três crianças pequenas'

Frases nominais complexas são formadas por um substantivo seguido por uma oração relativa, que pode ou não ser introduzida por um relativizador.

Xadyi no xata-e sa xa tudyia.
Casa IPL morar-ADV COP (alguma) coisa velho.
'A casa em que moramos é muito velha.'

Amu mata layan-syi bi as xodyian-um osesyi.

ISG matar aranha-DEM ANT COP quarto-ISG então
'Eu matei a aranha que estava no meu quarto.'

Interação do auxiliar com o indicador de TMA no Fa d'Ambu

O sistema pré-verbal que indica TMA no Fa d'Ambu é bastante complexo. Existem dois elementos pré-verbais marcadores de aspecto: o auxiliar *sa* e o principal indicador de aspecto *xa*, que podem aparecer independentemente ou em combinação com o outro elemento. Quando usados juntos, podem aparecer como *sa xa*, que pode passar a *sxa*, ou *xa sa*.

A diferença entre os dois indicadores de aspecto é que *xa* (*ga* quando combinado com a 1ª p. sing.) forma frases com o aspecto não-pontual ou imperfectivo. O auxiliar *sa* marca a proposição como perfectiva, "como um todo". Aqui temos alguns exemplos:

* Ineni *xa* tabaya.	* Ineni *sa* tabaya.
3 PL XA trabalhar	3 PL SA trabalhar
"Eles trabalham (normalmente)".	"Eles trabalham".

Quando os indicadores aparecem combinados, a ordem (*xa sa* e *sa xa*) pode indicar diferentes interpretações. A combinação mais comum e talvez a menos marcada é *sa xa* (*sxa*), mas a combinação *xa sa* não é rara.

As duas combinações têm em comum que são usadas para indicar um evento que ocorre em um período de tempo delimitado, mas não-pontual, o que resulta numa leitura progressiva da frase. A diferença entre eles está nas referências de tempo relativo assinalado pelas respectivas expressões. A combinação *sa xa* (*sxa*) reflete um progressivo imperfectivo. Há um ponto de partida implícito, mas não um ponto final definido. Isto descreve a ação como vista "de dentro": *xa* marca o verbo para duração indefinida, ao passo que *sa* marca a combinação de *xa* com o verbo como efetivamente acontecendo, mas visto "de fora". O resultado é que a ação deve ser vista como tendo um ponto de partida definido, que pode permanecer no passado (X já o está fazendo nesse momento) ou no presente (X está a ponto de fazê-lo) e um ponto final indefinido.

A combinação *xa sa* indica um progressivo perfectivo. Isto descreve a ação como "vista como um todo", sem um ponto de partida explícito e de novo com um período de tempo durativo. Nesta combinação, *xa* encontra-se combinado com o auxiliar *sa*, que muda o aspecto perfectivo de *sa* para um perfectivo que acarreta com isso um período de tempo durativo. Quando este aspecto combinado é assinalado pelo verbo, fornece o significado da ação visto como um todo, mas com um ponto de partida aberto e um período de tempo aberto no que se refere à sua duração. Comparemos:

* Zwan *sxa* kumu ampan.	* se na=pe *xa sa* ma masyivín,...
João SA=XA comer pão	e PL=adulto XA AS levar crianças.
"João está comendo pão."	"e os adultos levaram as crianças ..."

A partícula *xa* não se restringe a uma ocorrência na oração. Pode acontecer duas vezes com verbos sucessivos. O significado de tal construção poderia ser uma ação "vista como um todo", mas com um ponto de partida implícito e um final também implícito. Vejamos:

Amu *ga* *sxa* zuda ineni.
1SG XA SA=XA ajudar 3PL
"Eu sempre os ajudo."

A indicação do tempo em alguns tempos verbais

Tanto o presente quanto o pretérito perfeito possuem formas não marcadas: "i sibi" significa "ele sabe" e também "ele soube". O pretérito imperfeito recebe em posição posterior *ba* (do português –*va*): "i sibi ba" – "ele sabia".

Em casos cruciais, quando é apropriado um marcador para o pretérito perfeito, desenvolveu-se o uso de *bay* "ir" e *bing* "vir", cada um adequado ao seu uso.

Para indicar sequência narrativa, algo como "e então", usa-se *bing* em posição auxiliar:

i bay Mansoa, i bing bay Bissau, i bing bing li
"ele foi a Mansoa, então ele foi a Bissau, e então ele veio aqui"

O mesmo verbo *bing* pode ter o sentido literal de "vir e" nesta posição.

De acordo com Wilson, em *The Crioulo of Guiné*, de 1962, usa-se o verbo *bay* "ir" como um verbo "concatenativo", e uma forma ainda mais especializada *baa* "ir e".

i bay pa baa bendii-l

"ele foi para (ir e) comprar isto"

Conclusão

Devido a uma necessidade de comunicação, o ser humano às vezes se vê obrigado a adaptar a sua língua para poder resolver determinadas situações. A partir daí, surgem os pidgins, capazes de permitir a troca de informações entre falantes de diversas línguas. Quando o pidgin se torna uma língua nativa, transmitida de geração a geração, surgem os crioulos. Os crioulos mostram a simplificação linguística operada na língua-mãe.

O Fa d'Ambu é um crioulo de base portuguesa, fato percebido através de seu léxico. Partindo de um estudo mais detalhado de seus aspectos gramaticais, observam-se semelhanças entre o Fa d'Ambu e outras línguas crioulas. Tais semelhanças são decorrentes de um comum processo evolutivo da língua-mãe até o crioulo.

Quanto à interação do auxiliar e do indicador de TMA, pode-se concluir que os marcadores *xa* e *sa* são indispensáveis para a descrição do sistema marcador de aspecto em Fa d'Ambu. *Xa* pode ser visto como um marcador pré-verbal totalmente gramaticalizado e, portanto, como parte fundamental do sistema, ao passo que *sa* é formalmente um auxiliar, mas que funciona como uma parte integrada do sistema linguístico.

Com relação à indicação do tempo em alguns tempos verbais, pôde-se observar que em alguns casos realmente há uma marcação; em outros, porém, não há tal marcação. Neste caso, criam-se construções que facilitam a compreensão frasal, como o uso de *bay* "ir" e *bing* "vir" de acordo com o contexto.

Bibliografia

ARENDS, Jacques. *Pidgins and Creoles: an introduction*. Amsterdam: Benjamins, 1995.

HYMES, Dell. *Pidginization and Creolization of Languages*. Cambridge: University Press, 1971.

TARALLO, Fernando & ALKMIN, Tania. *Falares crioulos: Línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.

WILSON, W. A. A. *The Crioulo of Guiné*. Johannnesburg: Witwatersrand University Press, 1962.